

**HOMOSSEXUALIDADE E REPRESSÃO RELIGIOSA: REFLEXÕES SOBRE  
SEXUALIDADE A PARTIR DO FILME ORAÇÕES PARA BOBBY**

**HOMOSEXUALITY AND RELIGIOUS REPRESSION: REFLECTIONS ON  
SEXUALITY FROM THE FILM PRAYERS FOR BOBBY**

Felipe da Costa Negrão<sup>1</sup>  
Érika da Silva Ramos<sup>2</sup>

**Resumo:** Bobby é o protagonista do longa-metragem e vive uma vida conturbada, tendo em vista que não recebe apoio familiar ao perceber que sua identidade sexual é diferente dos padrões heteronormativos presentes na sociedade. Além disso, encontra barreiras por estar inserido num contexto familiar, onde os preceitos religiosos muitas das vezes falam mais alto que a razão, de modo que o filme clarifica o perigo da não aceitação, ou do reforço do preconceito dentro da própria casa do sujeito homossexual. Sendo assim, este manuscrito é dividido em seções que evocam o processo de construção da identidade sexual *versus* a repressão religiosa, bem como o luto enfrentado pela mãe ao considerar-se assassina do próprio filho. Salienta-se que os trechos do filme serão descritos em ordem cronológica, pautados em reflexões do campo teórico, fazendo uso de autores e autoras que compõem os estudos de gênero e sexualidade.

**Palavras-chave:** Identidade Sexual; Religião e Sexualidade; Homossexualidade.

**Abstract:** Bobby is the protagonist of the feature film and lives a troubled life, considering that he does not receive family support when he realizes that his sexual identity is different from the heteronormative patterns present in society. In addition, it encounters barriers for being inserted in a family context, where religious precepts often speak louder than reason, so the film clarifies the danger of non-acceptance, or the reinforcement of prejudice within the homosexual subject's own home. . Therefore, this manuscript is divided into sections that evoke the process of construction of sexual identity versus religious repression, as well as the grief faced by the mother when considering herself a murderer of her own child. It should be noted that the excerpts from the film will be described in chronological order, based on reflections from the theoretical field, making use of authors who make up the studies of gender and sexuality.

**Keywords:** Sexual Identity; Religion and Sexuality; Homosexuality.

## INTRODUÇÃO

O filme “Orações para Bobby” retrata as crises de identidade sexual vivenciadas por um adolescente de 18 anos, frente ao fanatismo religioso de sua genitora e os impasses sociais refletidos pela geração da década de 1980. Sendo assim, o presente texto tem o objetivo de tecer reflexões acerca dos desafios e entraves vivenciados pelo protagonista homossexual, de modo que algumas cenas serão transcritas, a fim de problematizá-las sob a luz dos estudos de

<sup>1</sup>Professor do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas. Pesquisa sobre Diversidades, Gêneros e Sexualidades: desafios contemporâneos. E-mail: felipe.unl@hotmail.com

<sup>2</sup> Professora do curso de Dança da Universidade do Estado do Amazonas. Pesquisa sobre Diversidades, Gêneros e Sexualidades: desafios contemporâneos. E-mail: profa.erika.ramos@gmail.com

gênero e sexualidade. Embora o filme não se passe nos dias atuais, acredita-se que muitas das situações apontadas no longa-metragem, ainda se repetem na sociedade do século XXI.

A trama se constrói por meio da relação de poder caracterizada pela rejeição da homossexualidade do filho, por parte da figura materna.

[...] as relações de poder suscitam necessariamente, apela a cada instante, abrem a possibilidade a uma resistência, e é porque há possibilidade de resistência e resistência real que o poder daquele que domina tenta se manter com tanto mais força, tanto mais astúcia quanto maior for a resistência. De modo que é mais a luta perpétua e multiforme [...] (FOUCAULT, 2014, p. 232).

Aponta-se que os conceitos de sexualidade são diversos e complexos, portanto optou-se em trazê-los para discussão, a fim de clarificar o entendimento conceitual, para então discorrer acerca do longa-metragem.

Silva (2010, p.10) inicia as discussões, ao apontar que:

A sexualidade não é determinada biologicamente ou dada pela natureza, assim como no campo do desejo e das experiências afetivo-sexuais, não encontramos sempre conexão entre ser feminino/a e gostar de homens e masculino/a e gostar de mulheres. Portanto, tal conexão não é algo necessário, mas traduz uma expectativa social de como deve ser e de como deve agir uma mulher ou um homem. Portanto, a sexualidade é decorrente de um processo de aprendizagem, sendo um termo abstrato usado para falar dos atributos, qualidades e capacidades que associamos aos desejos e prazeres sexuais. Longe de ser algo simples, a sexualidade envolve coisas muito distintas. Na sua experimentação está à atração erótica, a percepção de si, todos sentimentos, os relacionamentos afetivos e as representações. A sexualidade põe em relação aspectos biológicos, psicológicos, sociais e históricos. Por isso, não se pode falar em um único desses aspectos como determinante da sexualidade de alguém.

Louro (1999, p. 4) trazendo a concepção de sexualidade como “dispositivo histórico” apontado por Foucault (1988), garante que a mesma “é uma invenção social, uma vez que se constitui, historicamente, a partir de múltiplos discursos sobre o sexo: discursos que regulam, que normatizam, que instauram saberes, que produzem “verdades”.

Para Chauí (1991, p. 15) “a sexualidade não se confunde com um instinto. Nem com um objeto (parceiro), nem com um objetivo (unir dois órgãos genitais no coito). Ela é polimorfa, polivalente, ultrapassa a necessidade fisiológica e tem a ver com a simbolização do desejo”.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) (2001, p.8) define que:

a sexualidade é uma energia que nos motiva para encontrar amor, contato, ternura e intimidade; ela integra-se no modo como sentimos, movemos, tocamos e somos tocados, é ser-se sensual e ao mesmo tempo ser-se sexual. A sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e, por isso, influencia também a nossa saúde física e mental.

Pontes (2010, p. 36) corrobora ao dizer que:

A sexualidade, enquanto conceito, é multidimensional, extremamente permeável ao contexto social, cultural e histórico, mas também um poderoso motor de mudança social, que se encontra em permanente transformação. Essas transformações têm necessariamente impacto no que diz respeito à educação sexual que, em função das épocas e culturas, pode ser proibida, sancionada, incentivada ou até endeusada, como se de uma panaceia para todos os problemas sociais se tratasse.

Já Costa (1941, p. 02) problematiza que:

A sexualidade é o aspecto mais conflituoso, controverso e desconhecido do ser humano. A nossa cultura lida mal com esse importante aspecto da vida e para agravar, cria modelos estanques nos quais pretende encaixar e classificar as pessoas. Esses males, muitos dos quais baseados apenas no preconceito e na falta e informação, não nos permite que sejamos exatamente aquilo que somos ou que poderíamos ser. A dimensão total do ser humano tem três abordagens básicas que são a biológica, a psicológica e a social.

Nesse mesmo sentido Amor Pan (2003, p. 143) complementa que “[...] é uma estrutura configuradora da existência humana que afeta, portanto, a pessoa na sua totalidade”. Dessa forma é importante desmitificar a ideia de que falar de sexualidade é errado, ou deve ser feito em determinados lugares. Tais crenças só dificultam o processo de autoconhecimento do ser humano, de modo geral, uma vez que limita-se ao que é aceito pela sociedade, impondo barreiras para o descobrimento de outras possibilidades, acarretando em uma geração de adultos que teme os próprios desejos.

O material é subdividido em duas seções, sendo a primeira focalizada nas crises de identidade sexual de Bobby arraigadas pela repressão religiosa e social. Na segunda seção o destaque fica por parte de Mary, a mãe de Bobby após o suicídio do rapaz, apontando os sentimentos de arrependimento, a ressignificação de sua fé e suas contribuições para causa LGBT.

## **IDENTIDADE SEXUAL VERSUS REPRESSÃO RELIGIOSA**

O filme inicia com um *crossfade*, que consiste na combinação de cenas, onde tem-se Mary (mãe) costurando algumas peças de roupa, também aparecem objetos, como a imagem de Jesus Cristo, fotos da família, linhas e carretéis, colaborando para a criação de um ambiente religioso e familiar. Em paralelo Bobby aparece sofrendo em uma passagem de nível, prestes a por um ponto final em sua vida. Até então o espectador tece uma leitura vaga acerca das imagens corridas, entendendo como um prólogo do que o filme irá retratar.

Em meio aos contatos fraternos no aniversário da avó de Bobby, analisa-se a cena em que um parente vai buscar a bolsa da matriarca da família, e retorna com ela sob os ombros fazendo gestos alusivos ao gênero feminino, deixando as demais pessoas desconfortáveis. Mary afirma que o comportamento do sujeito é nojento, reforçando o patriarcalismo extratificado, apontado por Nunes (1987) na obra “desvendando a sexualidade”. Durante a cena, é notável o desconforto de Bobby, que até então mantinha relações com meninas, mas que não passavam de beijos e abraços, sempre justificando a não vontade de fazer sexo, com frases do tipo “não é você, sou eu”.

Na perspectiva pós-estruturalista, acredita-se que o conceito de gênero e sexualidade perpassa por construções culturais, de modo que comportamentos, atitudes e modos de ser são estabelecidos a partir dessa construção, contudo ainda é visível a instituição da heteronormatividade como ferramenta reguladora das ações do sujeito social.

As confusões de cunho religioso perpassam toda a história de Bobby, que por vezes questiona haver algo de errado com sua conduta, sempre atrelando a trechos do livro sagrado, aliás, o protagonista era conhecedor de inúmeros textos da bíblia. Em uma de suas crises, recorreu a remédios a fim de suicidar-se, contudo mais uma vez a religião ancora-se nas práticas de Bobby, que temia a condenação ao inferno, temendo tirar a vida, por também ser considerado pecado.

Geertz (1989) atesta que a religião exerce controle social, uma vez que é compreendida como um esquema simbólico, capaz de determinar preceitos, motivações, ideologias, concepções de certo e errado, traduzindo uma única forma de ver e compreender o mundo, buscando também dominar, controlar e regular a sexualidade humana.

É durante a tentativa de suicídio que o irmão mais velho fica sabendo o motivo pelo qual o caçula sofre por anos em silêncio. Bobby profere frases tímidas do tipo “quando souberem a verdade vão me odiar”, “eu não sou como você”, e “eu não sonho com garotas”, acentuando o peso que carregava acerca de sua sexualidade, compreendo-a com desprezo, temor e repulsa.

Ceccarelli (2008, p. 73) corrobora ao dizer que:

A insistência em transformar comportamentos em categorias identitárias contribui enormemente para a criação de uma espécie de armadura em que o sujeito, em eco com o sistema de valores morais ocidentais, vê-se aprisionado em uma forma normativa de viver a sexualidade.

Dando prosseguimento a narrativa do filme, o irmão na tentativa de ajudar Bobby acaba por revelar o “segredo” para a mãe que professa a frase “Deus pode cuidar disso, Ele vai ajudar, Ele vai curar o Bobby”. Nessa cena é perceptível a patologização da homossexualidade no discurso de Mary, que ainda convoca toda a família para orações grupais a fim de modificar os comportamentos do filho mais novo.

Nesse sentido, Silva e Magalhães (2008) atestam que “os adolescentes que contrariam o comportamento que culturalmente é esperado para o seu gênero, que fogem à norma, são considerados os diferentes e para estes um investimento significativo é posto em ação a fim de enquadrá-los nos padrões de gênero”.

Pontua-se que o pai de Bobby demonstrou poucos sinais de revolta, contudo afirma que o filho ainda não conheceu uma garota que despertasse seu interesse, tentando amenizar o discurso fanático levantado pela matriarca.

López Sánchez (2009, p. 24) apresenta um retrospecto histórico acerca da patologização da homossexualidade, presente até o século XX na sociedade.

Os profissionais e cientistas dedicaram-se a legitimar durante muitos anos a maneira religiosa (abominação e “crescei e multiplicai-vos”) de considerar a homossexualidade. O que diziam, mais ou menos assim, é que a homossexualidade era uma degeneração ou um desvio sexual. Um desvio da lei natural; porque natural é que se goste de pessoas do sexo oposto [...] Inclusive numerosos médicos e terapeutas tentaram curar os homossexuais com medicamentos e terapias desumanas.

Tais concepções errôneas impactaram toda uma geração (e ainda impactam) de pessoas que se enquadravam neste “laudo” patológico indevido. Por meio dessas construções se fixam medos, crenças e ideias arraigadas de preconceitos contra os homossexuais.

No filme, Bobby revolta-se com o irmão por ter ferido sua confiança, contudo pede aos familiares que não contem a ninguém sobre sua sexualidade, reforçando uma ideia de pânico moral, temendo reações contrárias e julgamentos coletivos.

Uma condição, um episódio, uma pessoa ou um grupo de pessoas passa a ser definido como um perigo para valores e interesses societários; sua natureza é apresentada de uma forma estilizada e estereotipada pela mídia de massa; as barricadas morais são preenchidas por editores, bispos, políticos e outras pessoas de Direita; especialistas socialmente aceitos pronunciam seus diagnósticos e soluções; recorre-se a formas de enfrentamento ou desenvolvem-nas. Então a condição desaparece, submerge ou deteriora e se torna mais visível. Algumas vezes, o objeto do pânico é absolutamente novo e outras vezes é algo que existia há muito tempo, mas repentinamente ganha notoriedade. Algumas vezes o pânico passa e é esquecido, exceto no folclore e na memória coletiva. Outras vezes ele tem repercussões mais sérias e duradouras e pode produzir mudanças tais como aquelas em política legal e social ou até mesmo na forma como a sociedade se compreende (COHEN, 1972, p. 9).

Em contrapartida, a matriarca inicia o processo de cura do filho, colando bilhetes com mensagens de fé pautadas na bíblia sagrada, de modo que em todos os cômodos da casa, o protagonista era desafiado a refletir suas práticas a partir do viés religioso. Além da opressão embasada em princípios sacros, a mãe inicia uma fase de estudos em livros que reforçam a patologização da homossexualidade.

O ápice de opressão ocorre quando Mary leva Bobby até uma psiquiatra com a promessa de voltar pra casa com seu filho assumindo comportamentos heterossexuais, reforçando o discurso da época que compreendia a homossexualidade como perversão pela psiquiatria, e vício satânico pela igreja (MARQUES, 2008).

Em um diálogo morno, a psiquiatra indaga o jovem acerca de como ele tem certeza de seus gostos sexuais, onde Bobby responde que sente esses gostos, aparentando a ausência de maturidade para lidar com tais questões, logicamente em virtude da forte opressão religiosa e social presente ao seu redor. A psiquiatra ainda questiona se Bobby quer ser gay, diante desse questionamento o menino reproduz um discurso afetivo, acentuando que o que deseja é estar perto de sua família, tendo em vista que é “um equívoco dizer que se trata de uma opção

sexual, pois não depende de escolhas conscientes nem pode ser aprendida” (BRASIL, 2011, p.15).

“Eu li que homossexuais fazem sexo em banheiros públicos e aliciam crianças. Eu acho que Bobby foi aliciado”. Esse trecho foi proferido por Mary em conversa com seu marido, após a primeira consulta psiquiátrica de Bobby. Embora o discurso não tenha sido enfatizado em outras cenas do longa-metragem, tal assertiva é comum em situações de “saída do armário”.

Bobby via no diário uma oportunidade de diálogo consigo mesmo, de modo que registrava suas crises a partir de frases que reforçam a necessidade de se debater sobre gênero e sexualidade em todas as esferas da sociedade. Os discursos “É uma sensação horrível achar que você pode ser jogado no inferno” e “Todos dizem que é simples, mas eles não sabem o que é estar na minha pele” são formas de categorizar a angústia de pessoas que não conseguem defender sua sexualidade, sem que sejam mutiladas com doutrinas, dogmas e preceitos religiosos.

Dias (2006, p. 41) atesta que:

A angústia que surge quando o sujeito se descobre homossexual não vem, necessariamente, da descoberta em si, mas da consciência de que ele sofrerá rejeição. Se tivessem opção, muitos homossexuais prefeririam não o ser – o que é uma prova de que não existe opção. [...] nada justifica o desrespeito às expressões minoritárias da sexualidade, revelando-se de todo desarrazoada a total indiferença diante da diferença.

“Eu não posso perder você para isso” é a frase que Mary usou para justificar a tentativa de “heteronormatizar” o filho, ao levar pra casa uma possível namorada para Bobby, que apresentou total repulsão ao comportamento da mãe. Inclusive é a partir dessa cena, que o rapaz percebe que outras pessoas já tomaram conhecimento de sua orientação sexual, ocasionando no aumento das crises.

Emoções, atitudes, mecanismo e estruturas homofóbicas (heterossexistas) são construções sociais e históricas e, por isso, podem ser objeto de crítica sobre o qual podemos exercitar uma influência efetiva, visando a sua desestabilização. É necessário reconhecer que precisamos problematizar nossas limitações e preconceitos, e promover mudanças significativas na organização da vida social e nas atitudes das pessoas (JUNQUEIRA, 2008, p. 53).



Dentro desse viés heteronormativo, o filme ilustra algumas cenas em que Mary condena posições braçais do filho, afirmando que são posturas femininas. Em outra cena a condenação refere-se à roupa de Bobby, que reluta as críticas da genitora. Os comportamentos da mãe refletem uma crítica às falsas crenças e preconceitos que giram entorno de ser gay/lésbica, no que tange a uma padronização daquilo que não é padronizado.

Homens com atitudes femininas são reprimidos desde muito tempo, principalmente em detrimento da não virilidade. Foucault (1984, p. 22) aponta:

Seria inexorável ver aí uma condenação do amor pelos rapazes ou daquilo que, em geral chamamos de relações homossexuais; entretanto, é necessário reconhecer aí o afeto de apreciações fortemente negativas a propósito de certos aspectos possíveis da relação entre homens, assim como uma viva repugnância a respeito de tudo o que pudesse marcar uma renúncia voluntária aos prestígios e às marcas do papel viril. O domínio dos amores masculinos pôde muito bem ser “livre” na Antiguidade grega, em todo caso bem mais do que o foi nas sociedades europeias modernas; não resta dúvida, entretanto, que bem cedo se vê marcar intensas reações negativas e formas de desqualificação que se prolongarão por muito tempo.

Nesse viés, López Sánchez (2009, p. 25) lista uma série de concepções errôneas a respeito do “padrão” da homossexualidade, de modo que socialmente se concebe que: a) os homossexuais são responsáveis por suas preferências sexuais, como se a orientação do desejo fosse passível de escolar; b) As crianças ou pessoas com trejeitos serão homossexuais; c) Os gays são mais femininos e as lésbicas mais masculinas; d) Os homossexuais são sempre muito mais promíscuos, incapazes de formar casais estáveis; e) Os homens homossexuais são afeminados ou possuem um estilo de vida definido; f) Todos os homens homossexuais são iguais e tendem a se comporta de forma parecida.

Ainda nesse discurso de padronização da sexualidade, Ceccarelli (2008, p. 89) aponta que:

O discurso social, que constrói as referências simbólicas do masculino e do feminino e dita os parâmetros que definem a “sexualidade de normal”, contribui não só para a invenção da homossexualidade como também para que o sujeito homossexual, marcado pelos ideais da sociedade, se sinta “desviante”, posto que excluído do discurso dominante. Os homossexuais nascem em uma sociedade cuja organização simbólica cedo lhes ensina que sua forma de viver a sexualidade é errada.

Após as críticas ao seu comportamento, o protagonista sai pela cidade e encontra um “refúgio” para homens gays, denominado de “Armário”, título sugestivo que induz a



esconderijo. É nesse espaço que Bobby mantém contato físico com outro homem pela primeira vez, através de beijos e carícias, contudo sai do local ainda mais confuso.

“Talvez não seja escolha” e “Porque eu escolheria ver a minha família inteira me odiando” são pensamentos que demonstram Bobby refletindo acerca de sua orientação sexual, de modo que não seja mais compreendida como opção, tal como a sociedade defendia naquela época e ainda há quem pense desse jeito nos dias de hoje.

Sobre isso, López Sánchez (2009, p. 26) afirma que:

A orientação do desejo homossexual, bissexual ou heterossexual não se escolhe, ela nos é dada, nos sentimos, nos damos conta, temos uma orientação sexual ou outra, e nada podemos fazer para escolher. Não podemos tomar esse tipo de decisão. Temos uma orientação do desejo e somente podemos aceita-la ou rejeitá-la.

De mesmo modo, Ceccarelli (2008, p. 89) complementa ao dizer que:

O ser humano possui uma sexualidade. E essa sexualidade, devido à singularidade da história de cada, um terá um destino particular: não há uma única maneira que se proponha certa, única e universal para as manifestações da sexualidade.

Portland é uma cidade “moderna” em que Bobby vai passar uma temporada na casa de sua prima. É lá que conhece seu primeiro namorado, David. Durante os dois meses em que esteve na cidade, percebeu-se como ser humano “diferente”, contudo com características excepcionais, na maioria das vezes sendo verbalizadas por seu parceiro e por sua prima, na tentativa de melhorar a autoestima do protagonista, que embora longe, ainda sofria com as pressões religiosas marcadas por toda uma vida.

López Sánchez (2009, p. 18) aponta que “o processo que leva à estabilidade emocional e à adequada integração social dos homossexuais é longo e, frequentemente, difícil, passando por etapas, tais como: confusão e dúvidas, consciência de ser homossexual, aceitação ou rejeição”. Desse modo, a família é o fator de risco maior (se age mal) e o fator mais efetivo (se age bem) para o sujeito homossexual.

Bobby retorna para sua cidade natal um pouco mais empoderado, tendo coragem de contar para sua mãe que estava namorando um rapaz, aliás, faz isso na frente de toda família. Entretanto, a mãe hesita em saber de mais detalhes, alegando que “não vai ter um filho gay”.

Figueiró (2009, p 43) sugere que:

O ideal seria que a família se abrisse dando mais oportunidades aos filhos para que esses possam falar o que pensam e sentem, pois é no lar que se desenvolve uma vivência mais próxima gerada pela convivência diária. Por estas razões, a família, caso se dispusesse conseguiria realizar melhor este papel que qualquer outra Instituição.

Nesse mesmo sentido, Maistro (2009) reforça a importância da família se dispor na busca por informações acerca da sexualidade.

[...] pois é obrigação dos pais educar seus filhos para a vida e, por essa razão, eles não podem dar continuidade a uma educação dissociada, em que valoriza o intelectual, o social, o espiritual, deixando-se de lado o afetivo-sexual (MAISTRO, 2009, p. 43).

Após a negação da maternidade, Bobby profere a triste frase “então você não tem mais um filho mãe”. A partir desse diálogo, o protagonista decide voltar de vez para Portland, na tentativa de ser feliz sem remorsos, mesmo sem o aval da matriarca.

Na medida em que o homossexual consegue efetuar contatos e descobre que existem outras pessoas na sociedade semelhantes a ele, também excluídos do grupo majoritário, ele tende a encarar de outra forma suas experiências, e ressignifica sua afirmação pessoal como homossexual, atrelando-se cada vez mais a essa categoria (GREEN;TRINDADE, 2005, p.33).

Contudo, as opressões por parte da mãe ainda eram constantes, mesmo a distância. Mary envia um presente ao filho em comemoração ao seu aniversário, em meio ao embrulho é possível encontrar um panfleto acerca da AIDS, atribuindo-a como uma doença tipicamente dos gays. Tal discurso foi proferido em massa na época, aumentando ainda mais os enunciados negativos acerca dos homossexuais e seus comportamentos.

Caetano (2008, p. 65) afirma que:

A agregação de doença a discursos religiosos aprofundava a ideia de que o amor entre pessoas do mesmo sexo era pecado, e a AIDS era o castigo. Mas, se o quadro unificou estereótipos, por outro lado, trouxe para o cenário social a mobilização política dos homossexuais.

López Sánchez (2009, p. 54) afirma que “os problemas oriundos da falta de aceitação familiar dos filhos homossexuais têm consequências extremamente destrutivas para estes e para toda a família”. De modo que aos 50 minutos do filme, Bobby é tomado por uma crise de

identidade extensiva, acarretando no seu suicídio, atirando-se da passarela aos 20 anos de idade.

### **A ORAÇÃO QUE NÃO PODE MAIS SER OUVIDA: REMORSOE RECOMEÇO**

A notícia da morte de Bobby chega até a família por telefone, deixando todos transtornados. Contudo, Mary ainda não é desconstruída de seus discursos religiosos, embora apresente sinais de reflexões acerca dos padrões estipulados por sua fé.

Conforme Marcus (1995) e Cassorla (1998) o suicídio é concebido como ato voluntário de pôr fim à própria vida, de modo que para muitos indivíduos pode ser a última alternativa para lidar com a tensão oriunda da repressão de desejos (sexuais ou não). Em síntese, as práticas de suicídio em adolescentes homossexuais está atrelada a negação interna da sexualidade, reforçada pela sociedade heteronormativa (OLIVEIRA, 1998).

No velório, David se apresenta a família, deixando a mãe irritada, ao ponto de manifestar profundo preconceito na cena em que lava a mão em demasia, após um aperto de mão no namorado do falecido filho. Inclusive, nesta cena são apontados inúmeros estigmas vinculados à intolerância, que não visão de Elie Wiesel, produz o ódio.

A intolerância está situada no começo do ódio. Ela assume aparências tão sutis que fica difícil discerni-la e combatê-la. E, no entanto, “se não a detivermos, será tarde demais”. Uma vez instalada, gera inevitavelmente o desprezo, o ódio pelo outro; e o ódio, por sua vez, só gera o ódio (WIESEL, 2000, p. 265.).

Ainda transtornada, Mary tem sonhos com o filho e resolve subir até seu quarto, encontrando o diário de Bobby, tendo acesso a todas as particularidades e pensamentos escritos pelo garoto em seus momentos de crise de identidade sexual. Eddy o irmão mais velho é tomado por um sentimento de culpa, sendo acalentado pelo pai.

A família recebe a visita de religiosos que não sabem lidar com a homossexualidade, apresentando uma crítica aos fundamentalistas que se pautam apenas em versículos isolados, escritos por homens, em outra cultura, se mostrando incertos e inseguros dos questionamentos levantados pela mãe em luto.

O “preconceito” e a “discriminação” contra homossexuais manifestam-se de formas muito plurais: silêncios, posicionamentos contrários, recusa de direitos, julgamentos morais, reprodução de estereótipos, exclusões mais diretas e outras mais veladas (NATIVIDADE, 2009, p. 128).

Mais tarde, Mary encontra o endereço da Metropolitan Community Church (Igreja da Comunidade Metropolitana), apresentada como uma igreja inclusiva que auxilia jovens gays e lésbicas. É a partir do contato com esse novo mundo que a matriarca começa a compreender melhor as normas impostas pelo sistema religioso, passando a contestar dogmas e interpretações humanas acerca do sagrado.

Alves (2009, p. 1) contribui na conceituação de igreja inclusiva, ao afirmar que:

Por “igreja inclusiva” entendemos as igrejas abertas para a comunidade L.G.B.T., e que trazem uma proposta de inclusão para todos os que estão excluídos das outras vertentes religiosas presentes no Brasil. A presença das igrejas inclusivas no universo religioso do nosso país tem gerado os mais diferentes tipos de manifestações, desde o ataque direto e contundente a forma de pensar teológico destes grupos até a total indiferença para esta nova realidade. Ambas posturas carecem de uma investigação mais acurada, pois a presença de qualquer religiosidade, traz consigo várias questões que precisam ser analisadas.

É o bispo da Igreja Inclusiva que reproduz uma frase bastante profunda a mãe, ao afirmar que “questionar ajuda a encontrar a fé profunda”. Tal discurso vai à contramão do que é pregado em algumas denominações, nas quais propagam verdades absolutas, sem possibilidade de questionamentos e indagações. Após longas conversas com o bispo, e a iniciação em grupos de apoio a pais e mães de pessoas homossexuais, a matriarca reconhece que “(Deus) não o curou, porque não havia nada de errado com ele. Eu fiz isso. Eu matei meu filho”.

Na ótica de Gonçalves (2013, p. 118) “a laicidade, a tolerância, o respeito e a liberdade são os vetores neste cenário que prima pela liberdade de pensamento, credo, culto, consciência e, acima de tudo, existência”. De modo que a intolerância e os discursos discriminatórios precisam ser enfrentados, por meio do diálogo.

Na tentativa de se perdoar, e atingir o perdão do filho, Mary torna-se militante das causas homoafetivas. De modo que em reunião aberta a respeito da garantia de direitos a essa minoria política da sociedade, a mesma profere um discurso que evoca inúmeros pensamentos.

Homossexualidade é um pecado. Homossexuais estão condenados a passar a eternidade no inferno. Se quisessem mudar, poderiam ser curados de seus hábitos malignos. Se desviassem da tentação, poderiam ser normais de novo. Se eles ao menos tentassem e tentassem de novo em caso de falha. Isso foi o que eu disse ao meu filho, Bobby, quando descobri que ele era gay. Quando ele me disse que era homossexual, meu mundo caiu. Eu fiz tudo que pude para curá-lo de sua doença. Há

oito meses, meu filho pulou de uma ponte e se matou. Eu me arrependo amargamente de minha falta de conhecimento sobre gays e lésbicas. Percebo que tudo o que me ensinaram e disseram era odioso e desumano [...] Não era desejo de Deus que o Bobby debruçasse sobre o corrimão de um viaduto e pulasse diretamente no caminho de um caminhão de dezoito rodas que o matou instantaneamente. A morte do Bobby foi resultado direto da ignorância e do medo de seus pais quanto à palavra “gay” [...] Há crianças como Bobby presentes nas suas reuniões. Sem que vocês saibam, elas estarão ouvindo enquanto vocês ecoam ‘amém’. E isso logo silenciará as preces delas. Suas preces para Deus por entendimento e aceitação e pelo amor de vocês. Mas o seu ódio e medo e ignorância da palavra ‘gay’ silenciarão essas preces. Então... Antes de ecoar ‘Amém’ na sua casa e no lugar de adoração, pensem. Pensem e lembrem-se. Uma criança está ouvindo (MARY GRIFFITH).

No discurso da mãe em luto, é possível perceber arrependimento pela ausência do conhecimento acerca da homossexualidade, ou ainda por não dar voz ao filho, preferindo esquivar-se dos conflitos, gerando outros a partir do ponto de vista religioso. Por trás das palavras, há um pedido sincero de que a intolerância seja combatida, principalmente no trecho destacado acima, onde o “amém” é posto em prova.

O filme encerra com cenas da Parada de Orgulho Gay, onde Mary e os demais familiares participam de forma ativa, incentivando a vida e o amor, corroborando ao discurso de López Sánchez (2009, p. 34) ao mencionar que “os homossexuais que se aceitam como tais podem organizar sua vida emocional e social de forma satisfatória e alcançar um nível de bem-estar semelhante ao das pessoas heterossexuais”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em uma sociedade onde os preceitos religiosos muitas das vezes falam mais alto que a razão, o filme apresenta contribuições significativas, embora pautadas em um triste episódio. Contudo, clarificam o perigo da não aceitação, ou do reforço do preconceito dentro da própria casa do sujeito homossexual.

As lutas contra o preconceito e o estigma encontram-se nas análises críticas, situadas, fundamentadas, que encaminham novos significados, ou seja, que argumentam e apoiam ressignificações. Dessas, podem surgir novos conceitos, mais reais, mais consistentes, mais abertos e flexíveis e, portanto, mais humanos. As novas ressignificações, por uma vida, uma convivência e uma consciência social mais inclusiva, requerem, sobretudo, atitudes que assumam um dos princípios mais expressivos dos tempos contemporâneos: a pluralidade; portanto, das diferenças, das especificidades, das singularidades (CAETANO, 2008, p. 92).

Por ter sido pensado para a televisão, considera-se apropriada a linguagem apresentada no longa-metragem, tendo em vista o caráter didático em que as cenas são desenvolvidas,

possibilitando a compreensão de qualquer indivíduo que se permite ser desconstruído por essa ilustração audiovisual baseada em fatos reais.

Em uma busca rápida no instagram, foi possível notificar mais de trezentas publicações públicas a respeito do filme, onde a maioria das postagens apresentam comentários positivos. Além de muitos relatos emocionados com o desfecho dos personagens reais. A cena mais postada é a que Mary reconhece que Bobby não tinha doença nenhuma, por isso Deus não interviu na cura do filho.

Sendo assim, mesmo seja pautado em conflitos de cunho familiar, acredita-se que o filme também pode ser indicado para fins acadêmicos, tendo relevante impacto para a construção dos profissionais que lidam com seres humanos. De modo que professores, psicólogos, médicos, advogados, assistentes sociais, dentre outros, podem ser orientados no cuidado que devem ter no tratamento da diversidade sexual.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Z. Religião e sexualidade: reflexões sobre igrejas inclusivas na cidade de São Paulo. In: Simpósio Nacional da Associação Brasileira de História das Religiões, 11, 2009. Goiânia. **Anais...** Goiânia: UFG, 2009, p. 1-14.

AMOR PAN, J. R. **Afetividade e sexualidade na pessoa portadora de deficiência mental**. São Paulo: Loyola, 2003.

BRASIL. Conselho Nacional de Combate à Discriminação. **Brasil Sem Homofobia: Programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual**. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

CAETANO, M. Côncavo e convexo: os limites e sentidos do olhar. In: DA SILVA, F. F. [et.al] (Orgs). **Sexualidade e escola: compartilhando saberes e experiências**. Rio Grande: FURG, 2008. p. 88-100.

CAETANO, M. R. V. Rompendo fronteiras e problematizando as diferenças sexuais. In: RIBEIRO, P. R. C.; QUADRADO, R. P. (Orgs). **Corpos, gêneros e sexualidade: questões possíveis para o currículo escolar**. Rio Grande: FURG, 2008. p. 61-71.

CASSORLA, R. M. S. Considerações sobre o suicídio. In: CASSORLA, R. M. S. (Org.). **Do suicídio: estudos brasileiros**. 2. ed. Campinas: Papirus, 1998. p. 17-26.

CECCARELLI, P. R. A invenção da homossexualidade. **Revista Bagoas**. Natal, v. 2, n. 2, p. 71-93, set. 2008.

CHAUÍ, M. **Repressão sexual, essa nossa (des)conhecida**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

COHEN, S. **Folk Devils and Moral Panics: The Creation of Mods and Rockers.** London, MacGibbon & Kee, 1972.

COSTA, R. P. da. **Os Onze Sexos: as múltiplas faces da sexualidade humana.** São Paulo: Gente, 1994.

DIAS, M. B. **União homossexual: o preconceito e a justiça.** Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2006.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação sexual: em busca de mudanças.** Londrina: Ed. da UEL, 2009.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: a vontade de saber.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade II: o uso dos prazeres.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.

GREEN, J. N.; TRINDADE, R. (Orgs). **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos.** São Paulo: Editora UNESP, 2005.

GONÇALVES, A. B. Da intolerância religiosa aos direitos humanos. **Revista Último Andar.** São Paulo. v.1, n. 21, p. 89-121, 2013.

JUNQUEIRA, R. D. Escola e enfrentamento à homofobia: pelo reconhecimento da diversidade sexual como fator de melhoria da educação de tod@s. In: RIBEIRO, P. R. C.; QUADRADO, R. P. (Orgs). **Corpos, gêneros e sexualidade: questões possíveis para o currículo escolar.** Rio Grande: FURG, 2008. p. 49-60.

LÓPEZ SÁNCHEZ, F. **Homossexualidade e família: novas estruturas.** Porto Alegre: Artmed, 2009.

LOURO, G, L (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MAISTRO, V. I. de A. Desafios para a elaboração de projetos de educação sexual na escola. In: FIGUEIRÓ, M. N. D (Org.). **Educação sexual: em busca de mudanças.** Londrina: Ed. da UEL, 2009.

MARQUES, L. R. **Homossexualidade: uma análise do tema sob a luz da psicanálise.** Dissertação de mestrado, Universidade Veiga de Almeida, Rio de Janeiro, 2008.



MARCUS, E. **Why suicide?** Answers to 200 of the most frequently asked questions about suicide, attempted suicide, and assisted suicide. San Francisco: Harper San Francisco, 1995.

NATIVIDADE, M. T. Sexualidades ameaçadoras: religião e homofobia(s) em discursos evangélicos conservadores. **Revista Latino Americana**, n. 2, 2009, p. 121-161.

NUNES, C. A. **Desvendando a Sexualidade**. 3ed. São Paulo: Papirus, 1987.

OLIVEIRA, E. A. Modelos de risco na psicologia do desenvolvimento. **Psicologia: Teoria e Crítica**, São Paulo, v. 14, n. 1, 1998, p. 19-26.

O.M.S. **Relatório Mundial da Saúde - Saúde Mental**: Nova concepção, Nova Esperança. Lisboa: Direcção-Geral da Saúde, 2001.

PRAYERS for Bobby. Direção de Russell Mulcahy. Roteiro: Katie Ford e Leroy Aaron. 2009. (90 min.), color.

PONTES, A. F. **Sexualidade**: vamos falar sobre isso? Promoção do desenvolvimento psicosexual na adolescência: implementação e avaliação de um programa de intervenção em meio escolar. Doutorado. Porto: Universidade do Porto, 2010.

SILVA, F. F.; MAGALHÃES, J. C. Descolad@s, divertid@s, atrevid@s e diferentes: Discutindo representações de gênero. In: RIBEIRO, P. R. C.; QUADRADO, R. P. (Orgs). **Corpos, gêneros e sexualidade**: questões possíveis para o currículo escolar. Rio Grande: FURG, 2008. p. 30-34.

WIESEL, E. VADE-MÉCUM por uma luta contra a intolerância. In: JACOBINA, E. A. **Intolerância**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.